

# DEPOIMENTO



"Casa das Culturas do Mundo"  
Berlim

## EDUCAÇÃO E CULTURA

ELZA CATALDO \*

A convite do GOETHE INSTITUT realizei, em janeiro e fevereiro de 1990, uma viagem de estudos à Alemanha. Pude, assim, efetivar contatos com instituições educacionais e culturais alemãs.

A entrevista reproduzida a seguir foi concedida por um dos responsáveis pela Casa das Culturas do Mundo, Kurt Sharf. Financiada pela cidade de Berlim Ocidental, essa instituição tem como objetivo principal garantir a presença dos países asiáticos, africanos e latino-americanos na Alemanha. Suas atividades revelam um conceito amplo de cultura que engloba Ciência, Arte e Política.

Como assessora do Centro Cultural da UFMG, tenho procurado criar laços de intercâmbio com outras entidades afins, nacionais e internacionais.

Em relação à Casa das Culturas do Mundo, o intercâmbio pode ser concretizado através da apresentação de projetos diretamente ao seu diretor Gunter Coenen (John-Foster-Dulles Allee 10, 1000 Berlim 21/RFA).

Este depoimento faz parte de uma documentação maior, que pretendo socializar através da disciplina "Educação e Cultura" prevista, no próximo semestre, para o curso de Pedagogia da FAE/UFMG. Tal disciplina pretende resgatar o caráter educacional de instituições culturais.

**ELZA:** *Primeiramente, eu gostaria que você falasse sobre os objetivos da Casa das Culturas do Mundo e, depois, eu queria que a gente conversasse um pouco sobre o lugar da cultura na Alemanha, o espaço que ela tem, como as pessoas se relacionam com ela.*

**SHARF:** *Você sabe que há muitos anos nós mantemos um diálogo cultural com outras nações. Existem muitas instituições que fazem isso na*

\* Profa. do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - FAE/UFMG

Alemanha. O governo faz isso diretamente mas nós conhecemos outras instituições, politicamente mais independentes. Acharmos que isso é uma boa política: para uma instituição cultural é mais fácil adquirir confiança dos parceiros do que para agentes do governo, que mudam segundo o sentido político do próprio governo. Então tem, por exemplo, os Institutos GOETHE, que trabalham em quase todo o mundo, e outras instituições. Mas todas elas trabalham, em princípio, no sentido de divulgar, de tornar conhecida a cultura alemã no estrangeiro e não vice-versa. Pelo menos teoricamente, por serem responsáveis pela difusão da sua própria cultura. Só que essa teoria na realidade encontra suas dificuldades. No caso das relações com os países da África, da Ásia e da América Latina, dificuldades em bases econômicas. Quer dizer, um país com um bem-estar relativo como a Alemanha ou os Estados Unidos, têm seus institutos culturais no estrangeiro. Isso supõe, para o contribuinte, algo que pode pagar, mas para o contribuinte brasileiro seria muito mais difícil. Por isso, há anos estamos discutindo como abrir a contra-mão. A Casa das Culturas do Mundo foi criada justamente para abrir um espaço cultural para as nações que não têm meios econômicos de difundir a sua cultura no estrangeiro. Isso quer dizer, em primeiro lugar, as nações da África, da Ásia e da América Latina, endividadas e com grandes dificuldades econômicas mas, em segundo lugar, também para as minorias étnicas de outros países ricos, digamos, por exemplo, índios norte-americanos. Os Estados Unidos da América são um dos países mais ricos do mundo - mas índios norte-americanos não constituem uma etnia muito rica e muito poderosa. Então, eles encontram as mesmas dificuldades que as nações mais pobres. E para eles, também, foi aberto esse espaço aqui.

**ELZA:** *Pois é, esse objetivo eu consigo entender e acho que ele é necessário. Agora, concretamente, como ela pode-se dar? Como você falou, os países do chamado Terceiro Mundo não teriam condições financeiras para arcar com a difusão da sua cultura. Como vocês fazem isso? Vocês financiam essa difusão?*

**SHARF:** Sim, em certa medida, naturalmente. Uma instituição como a nossa não pode financiar uma política cultural exterior de três continentes e minorias étnicas.

Mas nós podemos financiar esse espaço aqui e convidar para apresentações, nesse espaço.

Por exemplo, no ano passado, nós convidamos nove autores latino-americanos para um encontro com colegas alemães e com o público alemão. Foi uma série de leituras públicas, de debates, discussões internas com autores alemães. Estamos preparando, agora mesmo, um encontro de tradutores alemães que traduzem literatura da língua portuguesa (da África, do Brasil, da Europa). Esses são dois exemplos que dizem respeito às nossas relações culturais; natu-

ralmente temos outros programas que não têm nada a ver com a América Latina mas, sim, com outro continente.

**ELZA:** *E nesse caso, vocês propõem que o país estrangeiro financie a vinda dessas pessoas aqui ou vocês financiam?*

**SHARF:** Nós financiamos mas em outros casos os gastos são divididos. Por exemplo, quando nós convidamos minorias étnicas da União Soviética, nós sabemos que essas minorias não têm moeda forte, não têm divisas. Eles têm grandes dificuldades de financiar a estada dos artistas aqui na Alemanha. O que eles podem pagar são os honorários para esses artistas e a viagem dentro da União Soviética. Então, dividimos os gastos: eles pagaram a viagem para cá e os honorários e nós pagamos a difusão pela imprensa, os gastos locais, a estada, diárias, essas coisas. Quer dizer, tem duas fórmulas dependendo da situação econômica do parceiro.

**ELZA:** *Agora uma coisa eu gostaria de entender melhor: quais são os critérios de seleção desses projetos? Eles são elaborados a partir da iniciativa de vocês ou existe alguma demanda dos próprios países?*

**SHARF:** Em princípio as duas vias estão abertas, mas, na prática, é um pouco difícil com as demandas dos países do chamado Terceiro Mundo porque os que sabem de nossa existência e os que fazem propostas nem sempre são os mais qualificados. Então, temos de manter uma certa liberdade de convidar ou não. Mas nós tentamos fazer isso em estreita cooperação com os representantes culturais desses países. Por exemplo, quanto aos autores latino-americanos convidados, nós não consultamos só especialistas alemães de literatura latino-americana mas também latino-americanos que moram aqui na Alemanha e latino-americanos nos próprios países, seja através dos Institutos Goethe seja diretamente, por exemplo, críticos brasileiros, união de escritores, etc.

**ELZA:** *E esses parceiros participam da decisão de quem vem?*

**SHARF:** Fazem propostas, nós recolhemos todas as propostas e depois decidimos seguindo critério de qualidade mas também critérios geográficos e práticos, naturalmente. Não poderíamos convidar só paraguaios como representantes da América Latina. Tem que participar brasileiros, mexicanos, argentinos, por exemplo.

**ELZA:** *Como vocês fazem esse contato com representantes culturais ou artistas da América Latina e de outros países?*

**SHARF:** Isso depende dos conhecimentos pessoais de cada um mas especialistas que moram aqui na Ale-

manha nos ajudam muito. No caso do Brasil, por exemplo, eu aproveitei da minha estada no Brasil de 79 a 85. Em outros casos nós falamos com professores de Universidades ou com o diretor do Instituto Ibero-Americano, falamos com jornalistas latino-americanos especializados em literatura que moram aqui, etc, etc. E, naturalmente, tudo o que eu mencionei são só exemplos. Eu abordei exemplos da minha própria área.

**ELZA:** *É bom você falar nisso porque é uma coisa que eu queria perguntar. Como é a organização de vocês aqui dentro? Vocês se dividem por área? Como é a estrutura da Casa?*

**SHARF:** Nós temos áreas de programação, não áreas geográficas. Quer dizer, tem um colega que organiza exposições de películas e o trabalho com o chamado mídia, quer dizer, televisão, vídeo e cinema e outro colega responsável pelo teatro, a dança e a música, e eu sou o responsável por tudo que depende da palavra, quer dizer, literatura e também seminários científicos ou debates políticos e sociais.

**ELZA:** *Quantos funcionários existem aqui?*

**SHARF:** Agora somos 25. A metade da administração e a outra metade nesses departamentos já mencionados e, naturalmente, temos um departamento de relações públicas, porque sem público nada funciona. E adquirir a atenção do público é muito difícil numa cidade como Berlim.

**ELZA:** *Todos os funcionários são alemães?*

**SHARF:** Não, na realidade não somos todos alemães, tem uma colega mexicana.

**ELZA:** *Esse contato com as pessoas que trabalham com vocês se faz de uma forma esporádica, quer dizer, dependendo do projeto vocês entram em contato com algumas pessoas e elas trabalham em colaboração com vocês para aquele projeto específico?*

**SHARF:** Por exemplo, agora acabo de falar por telefone com um escritor iraniano que organiza conosco um encontro de autores que escrevem em persa: um do Irã, um Afeganistão e outro da União Soviética, porque nesses três países se fala e se escreve persa. E nós queremos, também, mostrar ligações culturais através das fronteiras.

**ELZA:** *Aí, nesse caso, durante um certo período vocês trabalham com elas?*

**SHARF:** Exatamente. Nós precisamos de ajuda de especialistas. Eles trabalham durante certo tempo conosco e têm que ser remunerados. Quer dizer, para esses casos alguém pode ser contratado.

**ELZA:** *E a questão do público? Qual é a aceitação do público alemão para esse tipo de evento?*

**SHARF:** Eu estou bastante contente mas temos de relativizar. Berlim, como você sabe, foi, há quarenta e cinco anos atrás, a capital política, econômica e cultural da Alemanha. Desses três fatores, até 9 de novembro do ano passado, quer dizer, até o momento da abertura do muro, só tinha mantido o caráter da capital cultural. A economia se concentrava mais na Alemanha Ocidental e a política em Bonn, na capital Federal. Então Berlim vivia da sua importância cultural e por isso o público berlinense atribuía uma enorme importância às atividades culturais e à vida cultural dessa cidade.

Assim nós podíamos contar, sempre, com grande interesse do público. Mas, desde 9 de novembro as coisas estão mudando de certa maneira; no campo psicológico já constatamos uma diferença: os alemães agora se interessam muito mais pela vida nacional, pela questão alemã, se as duas Alemanhas vão formar de novo um só Estado ou se vão continuar como dois Estados talvez amigos, talvez confederados ou federados.

Tudo isso se está discutindo e absorvendo a atenção do público, o que me parece até certo grau normal, mas não deveria continuar assim durante anos. Eu espero que o interesse pela cultura do mundo inteiro volte a tona.

**ELZA:** *Você acha então que a abertura do muro, a questão política que está-se dando no momento tem interferência no trabalho de vocês?*

**SHARF:** Sim, sim. Não só no nosso mas de todas as instituições culturais. Naturalmente, as instituições que se ocupam da cultura alemã têm a possibilidade de convidar parceiros do outro lado, da outra Alemanha e, assim, canalizar esses novos interesses dos dois lados do muro para seus programas. Uma opção que nós não temos porque nós queremos manter o nosso espaço para as culturas da África, da Ásia e da América Latina.

**ELZA:** *Não seria o caso de envolver a Alemanha Oriental nesse trabalho de vocês?*

**SHARF:** Estamos tentando mas é muito difícil porque o outro lado tem enormes dificuldades políticas e econômicas. Nessa situação a gente não pode pedir que eles tenham verba para tais programas e nós também não podemos simplesmente financiar um programa na outra Alemanha sem alguma forma de participação deles. Quer dizer, mesmo buscando uma cooperação, nós nos confrontamos com certas dificuldades mas estamos buscando isso e estamos realizando alguns programas em comum, já.

**ELZA:** *Você não acha que com essa questão da queda do muro, com a volta da discussão sobre os países do leste europeu, que isso não tenha, de uma*

*certa forma, atraído a atenção para esses países e "colocado de lado" ou "fora de moda" os países do "Terceiro Mundo"?*

**SHARF:** Concordo, eu vejo isso. Até certo grau me parece normal e legítimo mas só até certo grau e eu acho que a atenção do público tem que se voltar para os países do "Terceiro Mundo" porque, na realidade, nós vivemos num mundo só e se não conseguirmos um contacto entre as diferentes partes desse mundo eu acho que vai acabar mal. E o espaço onde talvez seja mais fácil conseguir isso é o espaço da cultura porque aí realmente existe uma igualdade. Eu considero a cultura brasileira tão interessante quanto a alemã ou a cultura dos japões.

**ELZA:** *Quando vocês fazem esses projetos, convidam grupos minoritários, etnias que em geral são de certa forma marginalizadas, você percebe uma certa descaracterização dessas culturas?*

**SHARF:** Realmente existe esse perigo de descaracterização mas, por outra parte, eu acho que esse perigo não existe só quando a gente traz, digamos, um grupo de teatro ou pintura ou autores pra cá, mas também nos seus próprios países.

Esse confronto com a civilização moderna, tipo a capitalista ocidental, é produzido a cada momento, em cada país, mesmo no próprio meio-ambiente, não só aqui no chamado Primeiro Mundo - e por isso essa descaracterização faz parte da cultura atual.

Nós não queremos ser museu mas, sim, um lugar onde se apresenta a cultura viva com todas as suas dificuldades mas também, com todas as suas chances.

**ELZA:** *Quando você participa desses projetos - quando eles são realizados - você acredita, honestamente, que exista um real diálogo cultural?*

**SHARF:** Existe, sim. Não são duas partes iguais, naturalmente, porque seria ingênuo pensar que a cultura independe da economia ou do poder político. Nós todos sabemos que os produtores de programas "culturais" americanos têm mais sucesso comercial do que qualquer outro. Mas, por outra parte, em certos países latino-americanos existem também produtores culturais de grande sucesso. Eu acho que a Globo, tecnicamente, é bastante avançada. Provavelmente, mais desenvolvida do que a televisão alemã. Tecnicamente, digo, porque a ideologia da Globo não me parece um ótimo modelo. Mas tecnicamente, sem dúvida nenhuma, a Globo é insuperável. Ou se nós pensamos em autores como Gabriel Garcia Marques: ele é fantástico, não tem melhor. Naturalmente, ele tem um grande sucesso aqui na Alemanha, se vende. A mesma coisa vale para a música, vale para o cinema. Antunes Filho teve um sucesso enorme em toda a Europa. Quer dizer, o diálogo cultural existe, só que ele é influenciado pelas estruturas do poder político-econômico. Nós tentamos criar um con-

trapeso - o que é muito difícil - mas vale a pena tentar.

**ELZA:** *Eu tenho participado da organização da visita de cientistas, autores e artistas alemães ao Brasil. Na minha opinião, representam mais uma demonstração cultural do que um diálogo cultural. Nós, brasileiros, assistimos a uma exibição cultural do Primeiro Mundo, bem produzida, em contraste com as precárias condições de produção no Brasil. Em alguns casos, com as pessoas que ficam mais tempo (participando, por exemplo, de "work-shops"), eu percebo que existe uma troca. Mas a maioria dos casos ainda fica na demonstração cultural. Será que, inversamente, vocês não estariam também fazendo a mesma coisa? Quer dizer, será que os convidados estrangeiros teriam, na Alemanha, uma real condição de troca com os alemães?*

**SHARF:** Você está apontando um ponto difícil no trabalho cultural. Não se pode fazer só diálogo no sentido de uma troca imediata entre artistas e cientistas de um país com os de outros países porque o público também quer e tem o direito de participar. No final das contas é o público que paga esses eventos, seja na forma de ingressos ou como contribuintes. Temos, então, de organizar programas para o grande público. Acontece que num programa para o grande público a troca é, de certa forma unilateral. Mas o autor também aprende pelas reações do público e pela convivência com as pessoas de um outro país. Nós tentamos, quando convidamos um autor, propiciar contatos diretos com colegas alemães; o que nem sempre é fácil porque alguns são mais abertos do que outros.

**ELZA:** *Para favorecer essa troca me parece necessário organizar uma programação de eventos menos fragmentada, com uma abordagem mais profunda.*

**SHARF:** Sem dúvida nenhuma isso é verdade. Nós temos de nos concentrar em alguns programas importantes e não fazer muitos, sem profundidade. Mas, às vezes, é mais fácil postular isso do que realizá-lo.

**ELZA:** *Eu sei...*

*Bem, falando sobre a programação de vocês, achei interessante observar que ela abrange as áreas da arte, ciência e política. Nós temos trabalhado, no Centro Cultural da UFMG, de maneira a não restringir o conceito de cultura só à área artística e me pareceu que vocês também trabalham nessa direção.*

**SHARF:** Exatamente. Parece-nos absolutamente impossível apresentar aqui grupos de teatro sul-africanos, que vivem em condições de opressão no regime do apartheid, sem fornecer também informações sobre essa situação. Tentamos sempre acompanhar os programas artísticos de informações sociais e políticas, promovendo debates. Nem sempre no mesmo programa, às vezes organizamos dois programas paralelos: um com ênfase no lado artístico

outro com mais características científicas ou políticas. Mas, em princípio, queremos que essas partes sejam mais ou menos iguais.

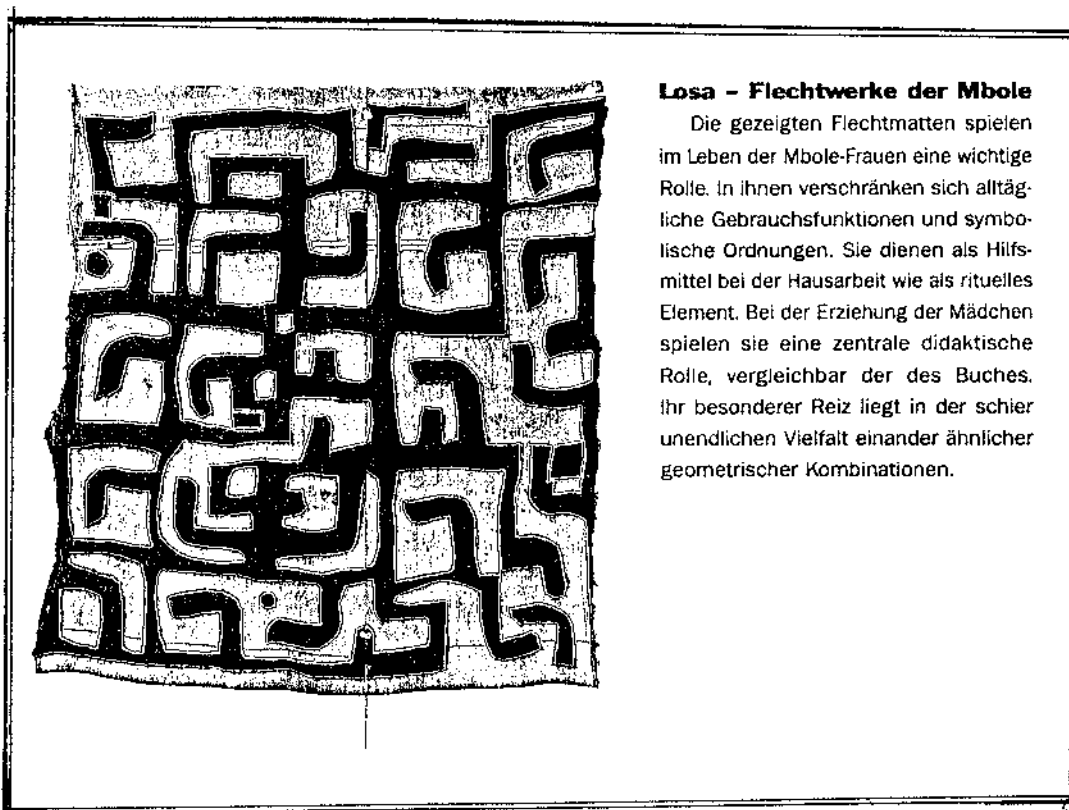
**ELZA:** *No que diz respeito ao Congresso que a Casa das Culturas do Mundo está promovendo\*\*, vocês teriam como um dos objetivos estimular o diálogo cultural entre os próprios países do "Terceiro Mundo"?*

\*\* Estou me referindo ao Congresso Internacional Cooperação Cultural e Desenvolvimento organizado, em Berlim, conjuntamente com a DSE (Deutsche Stiftung für Internationale Entwicklung) durante os dias 4, 5, 6, 7 e 8 de fevereiro de 1990. Os anais desse encontro, do qual participei, se encontram disponíveis na Biblioteca da FAE/UFMG nas línguas alemão e inglês.

**SHARF:** Isso nos parece um objetivo interessante e necessário. Considero que o nacionalismo é o grande mal do nosso tempo. Se nós podemos mostrar que o caráter humano é algo que abrange vastos espaços, muito além das fronteiras das nações, eu acho que podemos contribuir para uma maior compreensão mútua e, talvez, para uma convivência pacífica dos povos. Para isso, queremos fazer programas que não se limitem só a fronteiras nacionais mas que transgridam essas fronteiras.

**ELZA:** *Pelo que eu estou percebendo, é o entendimento da cultura como um fator de aproximação dos países, uma forma de dizer que nós, apesar de todas as diferenças, temos muita coisa em comum.*

**SHARF:** Exatamente. Eu acho que Machado de Assis pertence também a nós, alemães, como Goethe pertence aos brasileiros.



#### **Losa - Flechtwerke der Mbole**

Die gezeigten Flechtmatten spielen im Leben der Mbole-Frauen eine wichtige Rolle. In ihnen verschränken sich alltägliche Gebrauchsfunktionen und symbolische Ordnungen. Sie dienen als Hilfsmittel bei der Hausarbeit wie als rituelles Element. Bei der Erziehung der Mädchen spielen sie eine zentrale didaktische Rolle, vergleichbar der des Buches. Ihr besonderer Reiz liegt in der schier unendlichen Vielfalt einander ähnlicher geometrischer Kombinationen.

